

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BARALDI, Clemência. **Aprender: a aventura de suportar o equívoco**. Trad. De Nancy B. Faria. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COTRIN, Gilberto. **Educação para uma escola democrática: história e filosofia da educação**. 2ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget: Sugestões aos educadores**. 2ª. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MATUI, Jiron. **Construtivismo: Teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade: um estudo em escolas com dificuldades em leitura e escrita**. Tese de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência da criança**. 2ª. ed. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.

Revista Nova Escola. Janeiro/Fevereiro de 2001.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, compreendi que a educação construtivista é uma teoria que se encontra em construção, transformação, tem caráter aberto, ela significa o conhecimento de que nada, a rigor está pronto, acabado, e de que especificamente, o conhecimento não é dado em nenhuma instância, como algo determinado. Ela se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais, e se constitui por força de sua ação.

Percebe-se que de fato, segundo a Teoria de Emília Ferreiro, as crianças reinventam a escrita, no sentido de que inicialmente precisam compreender seu processo de construção e suas formas de produção. O objetivo da Teoria de Emília Ferreiro propõe que o aluno trabalhe com textos e construa o seu próprio conhecimento lingüístico, seja sujeito cognoscente e ativo do seu aprendizado e adquira o uso social da leitura e da escrita.

Entende-se que no construtivismo, a criança recebe as informações e constrói o seu aprendizado, sem que ela decore, sem formatar, percebe-se que quando realmente uma criança se alfabetiza, ela está na verdade reinventando a escrita.

De acordo com Piaget e Vygotsky, o construtivismo foi elaborado com o objetivo de extrair leis sobre a construção da inteligência e da mente, bem como desenvolvimento dos conhecimentos no homem.

Conclui-se que a educação construtivista é o caminho para uma sociedade nova que valorize cada aprendizado de um jeito delicado, meigo e valorizado, fazendo com que essa aprendizagem seja voltada e direcionada ao aprendizado. É importante olhar para essa educação construtivista como um caminho para uma sociedade nova que valorize cada aprendizado que mereça atenção, valorização, respeito, pois é a partir dela que se abrem novos caminhos na vida de muitas crianças. É algo necessário que ela esteja presente na vida de todos nós, principalmente de todos os educadores, com igualdade e qualidade.

Todos nós merecemos uma educação de qualidade, de igualdade, que é direito de todos nós cidadãos, sem provocar exclusão social, estando ao alcance de todos. É importante que todos os pedagogos, em especial os professores, estejam engajados neste processo, lutando por uma educação construtivista permanente e transformadora, formando cidadãos conscientes de que juntos construiremos uma educação valorizada.

- A identificação do som não é garantia de identificação da letra, o que pode gerar as famosas dificuldades ortográficas;
- A escrita supõe a necessidade da análise fonética das palavras.

Smolka diz que podemos entender o processo de aquisição da escrita pelas crianças sob diferentes pontos de vista: o ponto de vista mais comum onde a escrita é imutável e deve-se seguir o modelo “correto” do adulto; o ponto de vista do trabalho de Emília Ferreiro onde a escrita é um objeto de conhecimento, levando em conta as tentativas individuais infantis; e o ponto de vista da interação, o aspecto social da escrita, onde a alfabetização é um processo discursivo. Cabe aos pedagogos pensarem nesses três pontos de vista e construir o seu.

Coloca a autora ainda que para a alfabetização ter sentido, ser um processo interativo, a escola tem que trabalhar com o contexto da criança, com histórias e com intervenções das próprias crianças que podem aglutinar, contrair, “engolir” palavras, desde que essas palavras ou histórias façam algum sentido para elas. Os “erros” das crianças podem ser trabalhados, ao contrário do que a maioria das escolas pensam, esses “erros” demonstram uma construção e com o tempo vão diminuindo, pois as crianças começam a se preocupar com outras coisas (como ortografia) que não se preocupavam antes, pois estavam apenas descobrindo a escrita.

A metodologia é estruturada em torno de princípios que organizam a prática do professor, o fato de a criança aprender a ler e escrever lendo e escrevendo, mesmo sem saber fazer isso, é um desses princípios. Nas escolas verdadeiramente construtivistas, os alunos se alfabetizam participando de práticas sociais de leitura e de escrita. A referência de texto para eles não é mais uma cartilha, com frases sem sentido.

Construtivismo se refere ao processo de aprendizagem, que coloca o sujeito da aprendizagem como alguém que conhece onde o conhecimento é algo que se constrói pela ação deste sujeito. Nesse processo de aprendizagem o ambiente também exerce seu papel, pois o sujeito que conhece faz parte de um determinado ambiente cultural.

diversos conteúdos, tirando deles aquilo que mais se aprende com eles; a descoberta do outro e a continuidade das histórias lidas dentro de cada leitor. A fala e a narrativa trás possibilidade de construir elos de coletividade, com ampliação e troca de experiências, analogamente podendo ampliar a discussão da escrita.

O problema que tanto atormenta os professores que é o dos diferentes níveis em que normalmente os alunos se encontram e vão se desenvolvendo durante o processo de alfabetização, assume importante papel, já que a interação entre eles é fator de suma importância para o desenvolvimento do processo.

Os níveis estruturais da linguagem escrita podem explicar as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos alunos. Segundo Emília Ferreiro são:

1) Nível Pré-Silábico – não se busca correspondência com o som; as hipóteses das crianças são estabelecidas em torno do tipo e da quantidade de grafismo. A criança tenta nesse nível:

- Diferenciar entre desenho e escrita;
- Utilizar no mínimo duas ou três letras para poder escrever palavras;
- Reproduzir os traços da escrita, de acordo com seu contato com as formas gráficas (impressa ou cursiva), escolhendo a que lhe é mais familiar para usar nas suas hipóteses de escrita;

- Perceber que é preciso variar os caracteres para obter palavras diferentes.

2) Nível Silábico – pode ser dividido entre Silábico e Silábico Alfabético:

Silábico – a criança compreende que as diferenças na representação escrita estão relacionadas com o “som” das palavras, o que a leva a sentir a necessidade de usar uma forma de grafia para cada som. Utiliza os símbolos gráficos de forma aleatória, usando apenas consoantes, ora apenas vogais, ora letras inventadas e repetindo-as de acordo com o número de sílabas das palavras.

Silábico-Alfabético – convivem as formas de fazer corresponder os sons às formas silábica e alfabética e a criança pode escolher as letras ou de forma ortográfica ou fonética.

3) Nível Alfabético – a criança agora entende que:

- A sílaba não pode ser considerada uma unidade e que pode ser separada em unidades menores;

continuidade das descobertas e invenções científicas e tecnológicas. Foi a escrita que inaugurou a História e a Literatura, que transformou a palavra em arte. E é pela leitura que podemos viver muitas vidas, ampliar nossa experiência, pois com ela não só nos informamos, como também nos formamos e nos transformamos.

A linguagem escrita exerce inúmeras funções e serve para muitos usos, constituindo-se de uma infinidade de textos e possibilitando ações de pensamento diferentes das que fazemos com a linguagem oral. Estamos inseridos num mundo letrado e o processo de letramento é um contínuo que tem início desde os nossos primeiros contatos com os textos escritos e suas práticas sociais, se estendendo ao longo de nossas vidas. A apropriação desta linguagem hoje é uma questão de direito e exercício de cidadania. Poder circular com autonomia neste mundo letrado significa exercer e cultivar inúmeras práticas de leitura e escrita.

Cada tipo de texto, por sua vez, vem impresso em diferentes suportes, tem vários níveis de complexidade, tanto de conteúdo quanto de forma, e está inserido num contexto de práticas sociais, exigindo, portanto, competências de muitas ordens.

Na linguagem escrita, as crianças também precisam levantar hipóteses, experimentar e fazer inúmeras descobertas até entenderem que a escrita se organiza alfabeticamente e que se pode desenhar também a fala, a linguagem escrita precisa se apropriar de regras e convenções para conseguir ler e produzir os textos que circulam no seu meio social. Cabe ao professor conhecer este processo, que é individual, mas que acontece no coletivo, e buscar recursos e estratégias para mediar esta construção, levando para a sala de aula a diversidade de textos, de práticas, de usos e funções, sem fragmentar ou separar os textos da própria vida dos alunos.

A escola foi criada com o objetivo de difundir o letramento e, com ele, os conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo da história. Por isso, há uma forte relação entre letramento e escolaridade, pois foi dada à escola, entre outras coisas, a função de ampliar gradativamente as práticas sociais e a competência lingüística dos alunos. Mas cabe a ela permitir que a escrita se manifeste como expressão do sujeito e encontro entre os homens.

A linguagem escrita, como as outras linguagens, tem estado a reboque desta instrumentalização. Até mesmo os textos literários têm sido destacados do seu lugar expressivo e artístico, tornando-se pretexto para se ensinar os mais

os egípcios a simplificar os sinais gráficos, obtendo um tipo de grafia bem mais simples e ágil.

Para inventar a escrita alfabética, mais precisa e representativa da fala, os homens tiveram que esperar a segunda metade do primeiro milênio antes da nossa era. O alfabeto linear dos fenícios, povos de comerciantes e navegadores, se espalhou por grande parte do mundo, sendo tomado pelos gregos e romanos, que foram aos poucos formando o alfabeto que temos hoje.

A necessidade de registrar situações, idéias, crenças, transações comerciais, medições de terras, espaços, ampliando a memória e fazendo com que as informações e dados pudessem romper o imediatismo do presente, permanecendo no tempo e circulando em outros espaços, fez com que fossem criados não só a escrita alfabética, como também, a escrita matemática, a cartografia com os mapas geográficos, entre outras formas de registro.

Para os egípcios, a escrita era um dom de Deus. Para os chineses, a escrita é como o fogo, era o produto de um roubo, havia-se roubado de Deus o segredo e escrever era estar dentro do segredo e participar dele. Já Platão considerava a escrita um auxiliar para a recordação e não para a memória, já que a última deveria estar dentro dos homens.

A escrita, durante séculos, foi de acesso restrito a uma elite de sábios, religiosos e homens do poder. Foi a partir da invenção da imprensa, no final do século XV, que se tornou possível a reprodução e a difusão mais ampla dos textos escritos, até então manuscritos. Foi também nesta época que os movimentos reformistas da Igreja começam o processo de democratização da alfabetização. Mais três séculos se passaram até o acesso à língua escrita se popularizar e atingir as massas. Ainda hoje, mais de cinco mil anos depois da sua invenção, este projeto iluminista em curso, embora não se conceba o mundo de hoje sem a leitura e a escrita, uma parte da população, que vive na era da informação, não sabe ler e escrever, ou seja, vive ao redor de textos, é afetada por eles, mas não consegue estabelecer uma relação de troca e interlocução.

A escrita foi se tornando cada vez mais presente nas nossas vidas, não conseguimos mais prescindir dela. Existimos legalmente depois da certidão de nascimento, somos proprietários de um pedaço de chão se tivermos a escritura do imóvel, acordos são legitimados após a assinatura de contratos. As leis, desde as de Deus até as dos homens, estão escritas. Foi a escrita que permitiu e permite a

desloca a questão para outro campo. E pergunta então qual a natureza da relação entre o real e sua representação e as respostas a esse questionamento levam a uma revolução conceitual da alfabetização.

A escrita da criança não resulta de simples cópia de um modelo externo, mas é um processo de construção pessoal. Emília percebe que de fato, as crianças reinventam a escrita, no sentido de que inicialmente precisam compreender seu processo de construção e suas normas de produção.

A escrita surge na Suméria, região da Mesopotâmia, localizada entre os rios Tigre e Eufrates. Os sumérios escreviam com um bambu talhado em forma de cunha, sobre tábuas de argila úmida, inicialmente para contar o que tinham, vendiam e compravam, posteriormente, sobre o que cantavam e rezavam. Num primeiro momento, colocavam num recipiente tantas pedras quantos fossem os carneiros vendidos ou comprados. Mas o uso de desenhos que representavam as coisas permitiu que, num segundo momento, gravassem sobre a tabuleta de argila, tantos signos de carneiros quantos carneiros tinham ou faziam parte da transação comercial. Neste momento, usavam um desenho para representar cada objeto ou acontecimento, o que era muito difícil de manejar, pois segundo os especialistas, havia cerca de 1.600 pictogramas nesta escrita cuneiforme inicial. Descobriam, então, que um mesmo signo podia ser usado para palavras que tinham sentidos parecidos. Mas foram os próprios sumérios que simplificaram este sistema complexo, aproximando a escrita do som das palavras, inventando e generalizando o que se tornou uma espécie de "carta enigmática", os ideogramas. Para os sumérios, as palavras *flecha* e *vida* tinham o mesmo som: *ti*. Então, passaram a usar o mesmo sinal gráfico para designar as duas palavras, ou seja, um signo poderia ser usado para representar palavras com o mesmo som, mas com significados diferentes.

No momento em que os povos sumerianos enriqueciam sua escrita, os egípcios inventavam a sua: os hieróglifos, que além de serem gravados sobre pedra e ouro, eram gravados numa folha de papiro. Os chineses e outros povos também sentiram a necessidade de registrar informações e contar fatos, fazendo desenhos que representavam seres e objetos do mundo em torno deles, que, como os signos dos sumérios, também se combinavam ou eram usados para representar palavras que tinham o mesmo som. Mas a escrita sobre o papiro levou

CAPÍTULO III: A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM ESCRITA

"A leitura e a escrita são algumas das formas de comunicação e expressão entre as pessoas, constituindo, portanto em manifestações da linguagem".

G. C. Oliveira

Os estudos sobre psicogênese da língua escrita desenvolvida por Emília Ferreiro e Teberosky, possibilitam desviar o centro do trabalho do professor para o ser que aprende e sua relação com o objeto de aprendizagem. Ela realizou investigações científicas que deixam transparente a idéia de que a criança reconstrói o código lingüístico e reflete sobre a escrita.

O objetivo da nossa escola é propiciar o desenvolvimento infantil, considerando os conhecimentos e valores culturais que as crianças já têm e, progressivamente, garantir a aplicação dos conhecimentos de forma a possibilitar a construção de: autonomia, cooperação, criticidade, criatividade e responsabilidade, contribuindo para a formação da cidadania.

Falar de alfabetização sem abordar pelo menos alguns aspectos da obra de Emília Ferreiro é praticamente impossível. Ela não criou um método de alfabetização, como ouvimos muitas escolas erroneamente apregoarem, e sim, procurou observar como se realiza a construção da linguagem escrita na criança. Os resultados de suas pesquisas permitem isso, que conhecendo a maneira com que a criança concebe o processo da escrita, as teorias pedagógicas e metodológicas, nos apontam caminhos para que os erros mais freqüentes daqueles que alfabetizam possam ser evitados, desmistificando certos mitos vigentes em nossas escolas.

Aqueles que são ou foram alfabetizados, com certeza, já depararam com certos professores que logo ao primeiro mês de aula estão dizendo, a respeito de alguns alunos: não têm prontidão para aprender, têm problemas familiares, é muito fraca da cabeça, não fez uma boa pré-escola, não tem maturidade para aprender e tantos outros comentários assemelhados. Outras culpam os próprios educadores, os métodos ou o material didático. Com seus estudos Emília Ferreiro

pensamento por complexos, os objetos isolados associam-se na mente da criança não apenas devido às suas impressões, mas também às impressões que de fato existem entre os objetos. Na fase de formação de conceitos, a criança agrupa os objetos com base num único atributo, é necessário abstrair, isolar elementos e examinar separadamente, a síntese deve combinar-se com a análise. É o agrupamento com um grau máximo de semelhança, com base num único atributo. Pode-se dizer que a formação de conceitos é o que precede o conceito potencial. As fases percorrem um percurso não linear, a terceira (formação de conceitos) não aparece necessariamente após o desenvolvimento completo da segunda fase (pensamento por complexos). É como se houvesse duas linhas genéticas, duas raízes independentes, que se unem num momento avançado do desenvolvimento para possibilitar a emergência dos conceitos genuínos. Uma raiz, a do pensamento por complexos, estabelece ligações e relações. A outra raiz realiza o processo de análise, de abstração.

A tese de Vygotsky é a descontinuidade entre conceitos cotidianos e científicos e o enfoque está no contexto da aquisição escolar.

Em relação aos conceitos de Vygotsky, as funções psicológicas superiores dependem da aprendizagem, são as que envolvem, por exemplo: consciência, intenção e planejamento. O homem nasce equipado com características próprias, mas é o animal menos dotado fisicamente para sobreviver, necessita dos cuidados de alguém experiente. A internalização é o processo em que fatos e fenômenos exteriores se transformam num processo intrapessoal, interior, ou seja, uma atividade externa é reconstruída internamente. A internalização é possível através da mediação de outros com o sujeito através da aprendizagem. Por isso, para Vygotsky o desenvolvimento ocorre mediante a aprendizagem, ele depende da aprendizagem.

Vygotsky enfatiza a construção do conhecimento numa visão sócio-histórica e cultural, ele trabalha com a relação aprendizagem/desenvolvimento deixando claro que o conhecimento deve passar das atividades intrapessoais para as atividades interpessoais, que resultam de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.

Para Vygotsky, o homem já nasce equipado com certas características próprias à espécie humana, mas as funções psicológicas superiores (envolvem consciência, intenção, planejamento, ações voluntárias) dependem da aprendizagem, pois pertencem somente à espécie humana.

O aprendizado da criança começa muito antes dela freqüentar a escola, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de sua vida. O nível de desenvolvimento real é caracterizado como o nível de desenvolvimento que já está completo – a criança já internalizou determinada função, como por exemplo: amarrar os sapatos sozinha. Digamos que a criança ainda não saiba amarrar os sapatos sozinha, mas que, com a ajuda de um adulto ou de uma criança (com algum tipo de explicação ou com o auxílio de uma mão) ela consiga amarrar. Esse é o nível de desenvolvimento a que a criança vai chegar. A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão presentes em estados embrionários. Por essa razão, Vygotsky dá uma grande ênfase ao aprendizado e ao ensino escolar – o papel da escola é importantíssimo para detectar o nível de desenvolvimento potencial, reconhecer a zona de desenvolvimento proximal e elaborar atividades educativas que promovam o aprendizado e o posterior desenvolvimento. O aprendizado pode criar a zona de desenvolvimento proximal, despertando processos internos de desenvolvimento, quando a criança interage com pessoas e quando em cooperação com os companheiros no ambiente escolar. Os processos, uma vez internalizados, passam a fazer parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança.

Em *Pensamento e Linguagem*, Vygotsky descreve três fases básicas na formação de conceitos com estágios distintos dentro de cada fase: formação de conjuntos sincréticos, pensamento por complexo e formação de conceitos.

Na primeira fase, a criança tende a misturar diferentes elementos numa mesma imagem desarticulada e instável devido a alguma impressão. As palavras são um conglomerado vago e sincrético de objetos isolados. Na fase de

internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas.

Para explicar as chamadas operações superiores, ele utiliza o conceito de mediação, onde justifica o dizer que a relação do homem com o mundo não é direta, mas mediada pelos sistemas simbólicos: de instrumentos e de signos, criados como meios auxiliares para solucionar um dado “problema psicológico”. Os signos são orientados internamente para controle do próprio indivíduo, não modificando em nada o objeto. Porém, tanto no desenvolvimento da espécie humana quanto em cada indivíduo o uso de artifícios internos passa por um processo de internação: “a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem.”

Para Vygotsky, o mesmo acontece com o pensamento e a linguagem, pois o entendimento sobre as mentes é impossível sem a expressão mediadora da fala humana, cujo componente crucial é o significado que supõe a generalização.

A distância entre aquilo que a criança sabe fazer sozinha e o que é capaz de realizar com a ajuda de alguém mais experiente, Vygotsky chamou de zona de desenvolvimento proximal, é ela que define as funções que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação. Dessa forma, o que é zona de desenvolvimento proximal hoje, vira nível de desenvolvimento real amanhã.

É importante salientar que a preocupação de Vygotsky não era a elaboração de uma teoria do desenvolvimento infantil, mas o estudo dos processos de transformações do desenvolvimento humano, ou seja, uma abordagem essencialmente genética – a compreensão da gênese. Vygotsky recorre à infância para explicar o comportamento geral, pois para ele, é como se a criança estivesse na pré-história do desenvolvimento cultural e vai se desenvolvendo através do uso de instrumentos e da linguagem. Propunha assim, uma nova psicologia soviética que sintetizasse e transformasse as duas abordagens anteriores: através da teoria marxista – o materialismo histórico. Seu objetivo central era levantar os aspectos comportamentais tipicamente humanos e elaborar hipóteses de como esses comportamentos se desenvolveram na vida do indivíduo e na espécie humana, através do estudo da relação homem-ambiente físico e social e das formas de atividades (trabalho) como meio de relacionamento entre homem e a natureza e do uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem.

TEORIA DE LEV SEMENOVICH VYGOTSKY

Lev Vygotsky nasceu na Rússia Czarista, no final do século XIX e morreu de tuberculose em 1934 com apenas 37 anos, mas mesmo assim, o pensador russo teve uma produção intelectual intensa acompanhada pelos colaboradores Lúria e Leontiev, que deram continuidade ao seu trabalho, após sua morte. Formado em Direito, fez curso de Medicina, Filosofia, Filologia, Literatura, Pedagogia e Psicologia, o que levou a se dedicar ao ensino, à pesquisa e a organizar o laboratório de psicologia para as crianças deficientes. Vygotsky orienta suas reflexões na busca de uma alternativa para as teorias de tendências naturalistas que predominavam no seu tempo.

Por motivos políticos, suas obras foram censuradas e chegaram ao Ocidente apenas nos anos 60. No Brasil, só no início da década de 80.

Lev Vygotsky considera que o indivíduo não nasce com suas idéias prontas nem é cópia do ambiente externo.

Em sua evolução intelectual, há uma interação constante e ininterrupta entre processos internos e influências do mundo social, o que o levou a ser considerado como um utopista por algumas correntes de pensamento aceito em sua época, uma vez que suas idéias contrariavam o pensamento inatista, segundo o qual as pessoas já nascem com suas características, como inteligências e estados emocionais, pré-determinados. Da mesma forma, enfrentou o empirismo, uma corrente que defende que as pessoas nascem com um corpo vazio e são formadas de acordo com as experiências às quais são submetidas.

Vygotsky entendia que o desenvolvimento é fruto de uma grande influência das experiências do individual. Mas cada um dá um significado particular a essa vivência. O jeito de cada um apreender o mundo é individual. Para ele, o desenvolvimento e aprendizado estão intimamente ligados "nós só desenvolvemos se aprendemos", ou seja, apesar de ter condições biológicas de falar, uma criança só falará se estiver em contato com uma comunidade de falantes.

Sua preocupação com o desenvolvimento do comportamento baseava-se em pesquisas que o levaram a acreditar que todos os fenômenos psíquicos eram processos em movimento e tinham a sua história construída a partir da

É preciso ter a clareza de que "o que professor ensina é diferente daquilo que o aluno aprende", cada criança vai assimilar as informações que circulam no seu meio e aquelas trazidas pelos colegas e pelo professor de acordo com as concepções que ela tem sobre a escrita naquele momento. É importante que o professor compreenda que os "erros" são lógicos do ponto de vista da criança, são o ponto de partida, em constante mutação, em torno do qual ela lançará desafios para que ela continue evoluindo no seu processo de aprendizagem.

Dessa forma, segundo a teoria de Emília Ferreiro, todo trabalho de pré-escola centrado na “prontidão” para a alfabetização dá ênfase nos aspectos psicomotores, acreditando-se que é treinando as mãos, os olhos e ouvidos que a criança aprende a ler e escrever, precisa necessariamente ser repensado desde a sua concepção.

Um outro aspecto estritamente ligado à questão da “prontidão” é a crença de que é na escola que as crianças terão o primeiro contato com a língua escrita. Se é assim, devemos “prepará-las” para esse grande encontro.

Os estudos da sociolinguística, reforçados pela pesquisa de Emília Ferreiro, mostram que as crianças que vivem numa cultura letrada, como a nossa, têm o contato com a língua escrita, algumas mais cedo, outras mais tarde, em maior ou menor grau, independentemente da instituição escolar: são os cartazes de rua, jornais, revistas, livros, televisão, lista de compras, etc. É um mundo da escrita que nos rodeia e da qual precisamos em vários momentos, seja para nos comunicarmos à distância, para nos informarmos, nos orientarmos, como auxílio à memória, etc. É importante que a escola disfarça esse conceito de escrita enquanto objeto escolar e, sem descomprometer do papel que lhe foi socialmente conferido de ser o agente formal na tarefa de alfabetizar, reconheça todas as outras fontes sociais de alfabetização e traga esse mundo da escrita para a sala de aula, utilizando-a enquanto objeto sociocultural que é. Nesse sentido, a criança precisa saber o que já conhece sobre a língua escrita, quais as funções que são atribuídas a esse meio de comunicação na realidade onde vive e buscar ampliar as possibilidades de sua utilização em situações funcionais. Ao trazer a leitura e a escrita para a escola em situações em que elas se tornam realmente necessárias, seja para registrar ou tomar conhecimento de algum fato ou estória, seja para mandar ou receber um bilhete ou carta e muitas outras situações que surgem no dia-a-dia escolar.

A concepção construtivista de aprendizagem, que é o pressuposto básico da teoria desenvolvida por Ferreiro tem implicações que levam, sem dúvida, a profundas modificações na prática pedagógica do professor.

É fundamental que ele modifique o seu foco de preocupações sobre “o que e quando e como ensinar” para a reflexão sobre “o que fazer para que a criança aprenda” de modo a se apropriar verdadeiramente de nosso sistema de leitura e escrita.

sentidos e assim memorizadas. Esta visão de aprendizagem se reflete de formas e em graus diferenciados ao se tentar construir uma prática pedagógica que leve em consideração a língua escrita.

Na perspectiva dos trabalhos desenvolvidos por Ferreiro, os conceitos de prontidão, imaturidade, habilidades motoras e perceptuais, deixam de ter sentido isoladamente como costumam ser trabalhados pelos professores. Estimular aspectos motores, cognitivos e afetivos é importante, mas vinculados ao contexto da realidade sócio-cultural dos alunos.

O modelo de prontidão que leva em consideração os aspectos perceptivos-motores para atestar se uma criança é apta ou não para ser alfabetizada, é trocado por um modelo de "prontidão conceptual" em relação a língua escrita. Assim, criam-se novos tipos de testes, baseados em novos padrões, ou seja, em níveis conceptuais detectados na pesquisa de Emília Ferreiro.

A partir daí, busca-se a formação de turmas "homogêneas" de acordo com o nível em que as crianças se encontram e planeja-se um trabalho dirigido para que elas passem de um nível a outro, tratando o dinâmico processo de construção da língua escrita como algo inteiramente linear.

Organizar um novo método para se trabalhar com as crianças em cada etapa, como se fossem as atividades e não o aprendiz que produz o conhecimento. Torna-se dessa maneira, a visão empirista de que "o professor e a criança aprende" e evidentemente, todas as conseqüências que são inerentes a esta visão.

Emília Ferreiro trabalha com palavras isoladas, fora de contexto, de uso, tentando criar desafios para que seus alunos cheguem ao nível alfabético de conceptualização. Acreditam que isso seja suficiente para que seus alunos se alfabetizem. Esse é um processo onde todos os aspectos envolvidos devem ser considerados a construir uma prática consistente de alfabetização.

Emília Ferreiro e seus colaboradores detiveram em suas pesquisas apenas no estudo de processo de construção da linguagem escrita do indivíduo abordando uma aprendizagem construtivista.

Um dos primeiros aspectos dessa teoria, que vem afetar o trabalho da pré-escola, é a visão da construção da escrita como um processo no qual estão envolvidos basicamente aspectos cognitivos. É pensando sobre o que a escrita representa e como ela se estrutura que a criança constrói esse sistema.

TEORIA DE EMÍLIA FERREIRO

"...A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa."

Emília Ferreiro

Emília Ferreiro, psicolingüista Argentina, doutorou-se pela Universidade de Genebra, orientada pelo mestre Jean Piaget. A teoria construtivista do mestre acrescentou aos seus estudos e pesquisas no terreno da lingüística, onde inovou ao utilizá-la para investigar um campo que não tenha sido objeto de estudo piagetiano.

As teorias desenvolvidas por Emília Ferreiro e seus colaboradores deixam de fundamentar-se em concepções mecanicistas sobre o processo de alfabetização.

Do ato de ensinar, o processo desloca-se para o ato de aprender por meio da construção de um conhecimento que é realizado pelo educador, que passa a ser visto como um agente e não como um ser passivo que recebe e absorve o que lhe é "ensinado".

Segundo Emília Ferreiro e outros pesquisadores reconhecidos internacionalmente por seus trabalhos sobre alfabetização, a grande maioria das crianças na faixa dos seis anos, faz corretamente a distinção entre texto e desenho – sabe que o que se pode ler é aquilo que contém letras, embora algumas ainda persistam na hipótese de tanto se pode ler as letras quanto aos desenhos. É bastante significativo que estas crianças pertençam às classes sociais mais pobres que por isso tendo um menor contato com o material escrito.

É uma teoria que está baseada numa concepção construtivista de como se aprende em uma prática marcada por uma visão empirista de aprendizagem. É uma das distorções mais freqüentes devido a nossa própria formação escolar, estamos condicionados, de algum modo, a considerar o aluno como um ser passivo no processo de aprendizagem, onde o professor, que é "o dono do saber", vai organizar, planejar e transmitir informações, que serão captadas através dos

para desafiar a criança. Piaget tinha uma preocupação: a escola e não a criança, poderia prejudicar o desenvolvimento ao invés de ajudar, utilizando de maneira errada os conceitos espontâneos.

A tese de Piaget sobre os conceitos espontâneos e conceitos científicos é a continuidade e o enfoque está na gênese da lógica dos conceitos. Por ser uma tese universalista, individualista e construtivista, a criança passa pelos estágios de desenvolvimento, num processo de estruturação (assimilação, acomodação, adaptação e organização), partindo do egocentrismo para a descentralização. O desenvolvimento antecede a aprendizagem, a criança se desenvolve num processo de continuidade entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos através da cooperação entre seus iguais e entre outras pessoas.

O papel do professor deve ser o de facilitador e não o de um bloqueador. Piaget acredita que essa educação é possível apenas em sociedades que buscam a liberdade, a autonomia e a democracia.

Para Piaget, a educação moral – dada pelos pais e outros membros da sociedade, inclusive professores – é voltada para a criança controlar seus desejos e sentimentos em favor do grupo, isto é, a sua vontade não pode prejudicar o grupo. O desenvolvimento moral é paralelo ao desenvolvimento do raciocínio lógico, portanto, a compreensão do certo e do errado se dá através da razão. A afetividade move a ação, ao mesmo tempo que a razão identifica sentimentos e desejos e busca êxito nas ações.

Como vimos, Piaget é essencialmente epistemológico e seu enfoque é construtivista. Para ele, o desenvolvimento da aprendizagem ocorre de “dentro para fora”, do sujeito e o professor deve ser apenas um “facilitador”.

hereditários. O sistema cognitivo, a ser construído necessariamente, é um prolongamento do sistema biológico.

Piaget propõe que o organismo busca uma reorganização das informações e o faz por três vezes, podendo trabalhar, então em quatro patamares distintos, totalmente interligados e integrados, os quais considera diferentes formas de inteligência. A descrição que faz do desenvolvimento do sistema cognitivo.

"O principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas e não de simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores. O segundo objetivo da educação é formar mentes que tenham capacidade de crítica e de verificação e que não aceitem tudo que lhes é oferecido".¹

A problemática em Piaget é epistemológica, o autor tem uma preocupação com a gênese do conhecimento e ele chega aos estágios de desenvolvimento num processo de construção de estruturas lógicas, explicada por mecanismos internos. A psicogênese pode ser definida como o estudo sobre as transformações dos conhecimentos. Piaget é essencialmente epistemológico e utiliza a psicologia experimental como instrumento para compreender o processo de transição dos estados de conhecimento. É uma teoria universalista e individualista. O enfoque construtivista explica o sujeito construindo seu mundo de significados, transformando sua relação com o real. Sujeito e objeto interagem numa busca de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação.

Para ele, os processos de desenvolvimento são independentes da aprendizagem, ou seja, a aprendizagem não influi o desenvolvimento, pois este antecede a aprendizagem. A teoria da aprendizagem estabelece uma continuidade entre os mecanismos cognitivos responsáveis pelo desenvolvimento e pela aprendizagem.

Piaget faz uma distinção entre conceitos espontâneos e não-espontâneos ou científicos. Os conceitos espontâneos são aprendidos informalmente no cotidiano, no contexto familiar e de brincadeira, os conceitos científicos seriam aqueles aprendidos na escola. A interação entre os conceitos espontâneos e não-espontâneos é complexa e se faz necessário criar situações

¹ PIAGET, Jean. Apud. LIMA, Lauro Oliveira. **Piaget: Sugestões aos educadores**. 2ª. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 115.

faz com que o ser cognoscente busque no meio que o cerca o elemento necessário ao fechamento do ciclo.

A esse conceito é necessário acrescentar uma outra diferenciação, que de certa forma pode ajudar na compreensão do porquê da busca de conhecimento que caracteriza o ser humano. A existência de "saber fazer" dentro de sistemas abertos e fechados. Dentro do sistema fechado os elementos necessários ao ciclo já estão predeterminados e são necessários apenas alguns ajustes. É difícil entender como elas são capazes de executar todo o percurso de ida e volta sem que disponham de um ótimo sistema direcional, com o qual se localizam no espaço geográfico considerando sua posição de partida, pois não ficam todas no mesmo lugar em relação ao ponto de chegada e, a partir disso, sejam capazes de fazer os ajustes necessários para a volta. Nesse caso, pode-se definir que se trata de um sistema fechado, contendo um saber.

Mas se pensa no reflexo de apreensão, observa-se que não existe um objeto ou objetos definidos para que o sistema de apreensão se manifeste. O saber fazer está contido em um sistema aberto, pois não estão definidos os elementos necessários para sua completude.

No sistema construído por Piaget, o ser cognoscente necessariamente possui conhecimentos inatos e desde que eles estejam contidos em um sistema aberto ou semi-aberto torna-se possível a manifestação do processo de construção de conhecimento. Para Piaget, o social e a busca de conhecimento implicam na presença do conteúdo ou conteúdos sociais, a busca de conhecimento e o interesse pelo novo, dentro da teoria piagetiana, são definidos como algo intrínseco ao próprio ser, algo determinado biologicamente.

A busca incessante de completude, juntamente com a interindividualidade, faz com que se processe a construção da sociedade.

Dentro do sistema piagetiano, são elementos ligados à sobrevivência do indivíduo, pois a construção do conhecimento, na sua origem, parte da necessidade de saber fazer ou ter os instrumentos necessários para a sobrevivência independente. A respeito das bases para a construção do sistema cognitivo, Piaget busca na biologia os elementos considerados essenciais para iniciar a construção do sistema cognitivo do ser cognoscente. Dado que um conhecimento é construído a partir de outros conhecimentos e os primeiros conhecimentos são aqueles que o ser traz consigo ao nascer, ou seja, são

A ação pode ser: motora, verbal e mental. A ação é a inteligência que tende a copiar o mundo percepção x representação, a modificar o mundo ação x operação. A percepção é mais ou menos idêntica em todos os mamíferos. A memória para Piaget é a inteligência voltada para o passado: assim como a atividade perceptiva vê o mundo de acordo com o nível do desenvolvimento. Do mesmo modo a memória evoca as lembranças, segundo o nível de funcionamento atual da inteligência. Todo organismo vivo é um sistema aberto como tal, depende do meio – modifica o meio e se modifica diante do meio. Toda modificação do organismo depende de um desenvolvimento e distingue dois tipos de equilíbrio: o equilíbrio interno – organização e o equilíbrio com o meio externo – adaptação. A organização e a adaptação visam a proteger o organismo das agressões do meio; aumentar o espaço vital. O organismo não evolui por acaso, esforça-se para adaptar-se através de recombinações, reorganizações escolhe e modifica o meio.

O organismo, num certo nível, cria seus próprios problemas como se antecipasse as dificuldades. O desenvolvimento dos organismos tem todas as características da evolução dos seres vivos, cada nível do desenvolvimento tem seu nível de reação: sensibilização.

Piaget usa a noção de grupo para medir o nível de organização do desenvolvimento da inteligência. O conhecimento vai do mito à teoria científica, ganhando progressivamente, maior objetividade, distingue sabedoria de conhecimento. Para Piaget, filosofia não é um conhecimento, é uma sabedoria. A linguagem não “logicaliza” quem a utiliza.

A afetividade nunca é um comportamento, é o tônus do comportamento. A tomada de consciência equivale ao esforço de conhecer um objeto qualquer: é uma atividade como outra qualquer, a tomada de consciência dá ao indivíduo o domínio sobre sua ação. Toda atividade mental é um pouco autista, uma parte da atividade permanece inconsciente.

A construção do social como necessidade biológica refere-se ao inatismo, o qual Piaget discutiu e colocou-se contra, que pressupõe que os conhecimentos já estejam pré-formados ao nascimento. Reflexo e instinto possuem em comum o fato de ambos se referirem ao “saber fazer” alguma coisa, definido biologicamente ou hereditariamente. Em contrapartida, se diferenciam pelo fato do reflexo ser individual e o instinto interindividual, ou seja, sua manifestação e satisfação se dão por meio de algo exterior a ele mesmo. O instinto

CAPÍTULO II: AS TEORIAS CONSTRUTIVISTAS

TEORIA DE JEAN PIAGET

“O conhecimento não é uma cópia do objeto nem uma tomada de consciência de formas a priori que sejam predeterminadas no indivíduo: é uma construção perpétua, por permutas, entre o organismo e o meio, do ponto de vista biológico e entre o pensamento e o objeto, do ponto de vista cognitivo”.

Lauro de Oliveira

Para Piaget, o desenvolvimento da inteligência assemelha-se a construção do indivíduo a partir do embrião. Os esquemas de ação e as operações exercem um papel semelhante aos órgãos do corpo. Cada esquema construído é um novo “órgão” de que dispõe o indivíduo (a mente) para enfrentar o meio. A construção pode ser biológica, psicológica e sociológica. Por mais diversas que sejam as estruturas resultantes, o modelo de construção é sempre o mesmo (*a priori*, funcional). A construção se faz por complexidade crescente em busca de um “equilíbrio mais amplo, mais móvel e mais estável”. Pode-se, pois através de modelos matemáticos, medir o grau de desenvolvimento das estruturas.

Ele nega qualquer explicação inatista ou empirista, para ele tudo é uma construção a partir de uma estrutura pré-existente, que entra em interação com o meio, atividade regida por equilíbrio interacionista.

Para ele, a inteligência é simplesmente uma forma superior de adaptação biológica; chama-se “inteligência” a maior ou menor capacidade de o comportamento organizar combinações para enfrentar as agressões do meio e ampliar o esforço vital. Não há estrutura sem gênese, nem gênese sem estrutura, e toda modificação é a modificação de uma estrutura, e toda estrutura é modificável. O organismo só responde aos estímulos para os quais tem respostas. Não se aprende nada inteiramente novo; um estímulo só é estímulo se o organismo estiver sensibilizado. Para ele, a inteligência não provém da percepção, a inteligência é simplesmente a forma de manifestar a ação.

dizer centralização total, ao contrário, o construtivismo valoriza muito o intercâmbio entre os alunos e o trabalho de grupo, em que a professora tem uma presença motivadora e menos impositiva.

No construtivismo, a professora aproveita a individualidade de cada aluno para o enriquecimento do grupo. Considera a sistematização do ensino necessária, mas aplica com bom senso e flexibilidade. Contesta que o currículo seja uma imposição unilateral, uma camisa-de-força, com etapas rígidas, sucessivas e inalteráveis. Não se aprende por pedacinhos, mas por mergulhos em conjuntos de problemas que envolvem vários conceitos ao mesmo tempo. Ele faz restrições aos livros didáticos pelo fato da maioria deles apresentar o conhecimento em seqüência rígida, prevendo uma aprendizagem de conceitos baseados na memorização. A memorização é essencial para agilizar o cálculo mental, mas após o aluno compreender o significado das operações aritméticas, como a multiplicação.

O construtivismo contesta que o ensino da gramática seja o meio de se levar o aluno a entender e dominar o processo de escrever corretamente. Isso se adquire praticando a escrita, mesmo com erros gramaticais. À medida que o aluno vai dominando a escrita é que se passa a ensinar-lhe a gramática. As regras identificam certas regularidades da língua, mas para entendê-las é preciso tê-las percebido na prática.

Nossas escolas procuram englobar o construtivismo e o socioconstrutivismo fazendo um paralelo entre as duas propostas de ensino.

O construtivismo é a aplicação pedagógica dos estudos de Jean Piaget (1896-1980), educador, psicólogo, biólogo, filósofo suíço que reformou em bases funcionais, as questões sobre linguagem. Ao mesmo tempo, pensador em uma visão transformadora da Epistemologia.

Segundo suas pesquisas, o conhecimento é construído através da interação do sujeito com o objeto. O desenvolvimento cognitivo se dá pela assimilação do objeto de conhecimento a estruturas anteriores presentes no sujeito e pela acomodação dessas estruturas em função do que vai ser assimilado. Para Piaget, a criança se apodera de um conhecimento "agir" sobre ele, pois aprender é modificar, descobrir e inventar. Nesse sentido, a função do professor é propiciar situações em que a criança construa seu sistema de significação.

propostas pedagógicas. No começo, o nome construtivismo se aplicava só à teoria de Emília. Com o tempo, passaram a ser chamadas de construtivistas as novas propostas pedagógicas inspiradas em sua teorias, a própria teoria de Piaget e até mesmo pedagógicas anteriores, porém compatíveis, como a do educador soviético Lev Vygotsky (1896-1934).

Emília Ferreiro aplicou a teoria mais geral de Piaget na investigação dos processos de aprendizado da leitura e da escrita entre crianças na faixa de 4 a 6 anos. Constatou que a criança aprende segundo sua própria lógica e segue essa lógica até mesmo quando ela se choca com a lógica do método de alfabetização. A teoria de Emília abriu aos educadores a base científica para formulação de novas propostas pedagógicas de alfabetização sob medida para a lógica infantil.

A pesquisadora constatou uma seqüência lógica básica na faixa de 4 a 6 anos. Na primeira fase pré-silábica, a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada e se agarra a uma letra mais simpática para “escrever”.

O construtivismo ainda se encontra muito vinculado à alfabetização, porque foi por essa área que começou a ser desenvolvido, a partir da base teórica proporcionada por Emília Ferreiro.

Contudo, são práticas construtivistas, devidamente adaptadas, já estão bastante difundidas até a quarta série do primeiro grau. A partir da quinta série, porém, quando cada disciplina passa a ser ministrada por um professor especializado, tais práticas são menos utilizadas, até pela relativa escassez ainda registrada de pesquisas teóricas equivalentes às de Emília.

Embora o construtivismo enfatize o processo de aprendizagem, transmite o conhecimento não passível de ser construído pelo aluno, ele estimula a descoberta do conhecimento do aluno. Evita afogá-lo com informações prontas e acabadas, mas quando necessário não hesita em valer-se da memorização. A professora deve escolher o momento oportuno e criar situações interessantes para transmitir esses conhecimentos, fugindo assim da rigidez da prática tradicional.

O construtivismo requer mais atenção individual ao aluno do que outra linha de ensino, mas não com a obsessão que às vezes se imagina. Admite que cada aluno tem o seu processo particular de aprendizagem, a professora deve conhecê-lo, acompanhá-lo e fazer as intervenções adequadas. Mas isso não quer

CAPÍTULO I: CONSTRUTIVISMO

Construtivismo representa os pressupostos da psicologia e medicina que buscam a melhor compreensão do processo da aprendizagem da criança.

Para os construtivistas, o conhecimento não é inato nem só transmitido, não está somente no indivíduo, nem é dado somente pelo objeto, mas se forma e se transforma pela interação entre ambos.

O conhecimento resulta de uma construção contínua entremeada pela invenção e pela descoberta. Constata-se também que o conhecimento se produz a partir do desenvolvimento por etapa para que haja uma organização do pensamento.

O construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo à dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. Rejeita a apresentação de conhecimentos prontos ao estudante, como um prato feito e utiliza de modo inovador, técnicas tradicionais como, por exemplo, a memorização. Daí o termo "construtivismo" pelo qual se procura indicar que uma pessoa aprende melhor quando toma parte de forma direta na construção do conhecimento que adquire. O construtivismo enfatiza a importância do erro, não como um tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. O construtivismo condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno.

Com base nos estudos do psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) a maior autoridade do século sobre o processo de funcionamento da inteligência e de aquisição do conhecimento, foi demonstrado que a criança raciocina segundo estruturas lógicas próprias, que evoluem conforme faixas etárias definidas, e são diferentes da lógica madura do adulto. O construtivismo procura desenvolver práticas pedagógicas sob medida para cada degrau de amadurecimento intelectual da criança.

Quem adotou e tornou conhecida a expressão "construtivista" foi uma aluna e colaboradora de Piaget, a psicóloga Emília Ferreira. Partindo da teoria do mestre, ela pesquisou a fundo e especificamente o processo intelectual pelo qual as crianças aprendem a ler e a escrever, batizando de construtivismo sua teoria.

Piaget e Emília se limitaram a desenvolver uma teoria científica. Outros especialistas é que vêm utilizando suas descobertas para formular novas

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo apresentar o desempenho de uma educação construtivista.

No primeiro capítulo, apresenta o construtivismo, que é um sistema que fundamenta a construção da mente e do conhecimento sobre bases anteriores, em outras palavras, pode-se dizer que é uma teoria do conhecimento que engloba numa só estrutura os dois pólos, o sujeito histórico e o objeto cultural, significa a idéia de que nada a rigor, está pronto, acabado e de que o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social.

Já no segundo capítulo apresentam-se as teorias construtivistas de Jean Piaget, Vygotsky e Emilia Ferreiro, segundo Jean Piaget, parte de um processo dinâmico que supõe uma estrutura concebida de totalidade em equilíbrio, segundo Piaget, a criança não consegue manter um diálogo efetivo, uma troca de idéia.

Na concepção de Emilia Ferreiro, é necessário uma imaginação pedagógica que é para as crianças a oportunidade rica e variada de interagir com a linguagem escrita. É mais do que aprendizagem de um código de transição, é a construção de um sistema de representações.

Segundo Vygotsky, para atingir o nível superior da reflexão do conhecimento abstrato do homem, que começa com as interações sociais e cotidianas desde as atividades práticas da criança até a formulação de seus conceitos. Parte da relação entre sujeito que conhece e o mundo conhecido, não é direta, mas se faz por mediações dos sistemas simbólicos.

O terceiro capítulo fala da originalidade e importância da linguagem escrita como uma prática que possui uma dimensão histórica e sócio-cultural, a socialização lingüística que a criança recebe em seu meio familiar e na aprendizagem da escrita. A linguagem escrita, tanto por sua origem como por sua estrutura psíquica, diferencia-se radicalmente da linguagem oral e a análise consciente dos meios de sua expressão constitui sua característica fundamental.

Espera-se que todos que entrarem em contato direto ou indireto com essa monografia possam adquirir um pouco mais de conhecimento sobre a linguagem escrita, valorizando-o com privilégio próprio e característico da educação construtivista.

ÍNDICE

Introdução	6
Capítulo I: Construtivismo	7
Capítulo II: As teorias Construtivistas	
Teoria de Jean Piaget.....	10
Teoria de Emília Ferreiro	15
Teoria de Lev Semenovich Vygotsky.....	19
Capítulo III: A importância da linguagem escrita.....	23
Conclusão	29
Referências Bibliográficas.....	30

AGRADECIMENTO

Senhor, meu Deus, como é maravilhoso poder te agradecer pelos dons que nos foram concedidos, principalmente pelo dom da vida, por existir.

É maravilhoso, Senhor, ter braços perfeitos, onde posso trabalhar, enquanto há tantos mutilados.

Meus olhos perfeitos, onde posso ler e ver o brilho do dia, enquanto há tantos sem luz.

Minha voz, onde posso falar, ler, cantar, enquanto há tantos que emudecem.

Minhas mãos, pelas quais posso fazer meus trabalhos, enquanto há tantos que mendigam.

É maravilhoso voltar para casa após um dia de trabalho e estudo, enquanto há tantos que não tem para onde ir.

É maravilhoso amar, viver, sorrir, sonhar, enquanto há tantos que choram, odeiam, revoltam-se em pesadelos, morrem antes de nascer.

É maravilhoso a cada dia poder contar com os amigos, enquanto tantos vivem rodeados de inimigos.

É maravilhoso a cada dia ter uma família para dividir as alegrias e tristezas, enquanto tantos vivem sozinhos.

É maravilhoso ter Deus para crer enquanto há tantos que não tem o consolo de uma crença.

É maravilhoso sonhar, sobretudo, ter tão pouco a pedir e tanto a agradecer.

DEDICATÓRIA

Aquele que faz com poder inigualável do seu amor, transbordando nossos corações com uma única palavra, "Deus".

Em primeiro lugar dedico a Deus, aos meus pais que com seu jeito simples e humilde me incentivaram quando o cansaço me abalava, palavras de carinho falavam no decorrer dessa caminhada que com seu suor tanto me ajudaram para que eu pudesse ser uma pessoa mais crescida intelectualmente e não mediram esforços para que isto acontecesse.

Aos meus mestres, que durante todo esse tempo não mediram esforços para nos ajudar mesmo sendo alheios à suas obrigações, estiveram sempre presentes quando recoríamos a eles.

A uma pessoa em especial, a qual foi muito compreensiva, amável e dedicada, que soube me compreender nas horas em que me encontrava com dificuldades sem tempo, soube compreender que a cada dia era em busca de conhecimentos e momentos de reflexões, onde as pesquisas eram a principal, a única coisa a dedicar.

Enfim, a todos aqueles que me apoiaram diretamente ou indiretamente sem os quais não poderia esquecer, onde éramos sempre o braço direito uns dos outros para que juntos vencêssemos esta longa e saudosa etapa de nossas vidas.

Joana D'arc de Oliveira

EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA

Monografia apresentada no dia 12 de dezembro de 2003, como parte das exigências do curso de Filosofia.

Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos
Orientador

Rogério Vieira Jacinto
Professor

Joana D'arc de Oliveira



EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

30715
Socri

Tombo nº	8456
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	19.03.04

Rubiataba, dezembro de 2003

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA

Joana D'arc de Oliveira

Rubiataba, dezembro de 2003